

Umano Disumano vol. II — Prólogo de Gio Montez

Depois de Umano Disumano vol. I persuadi-me de que era necessário um prólogo como este, na primeira pessoa do singular omnisciente universal. Sim, é urgente! Convenci-me disso. Escrevo-o com a mão esquerda porque a direita ainda me dói. Levou uma pancada feia. Um traumatismo atingiu-a quando, lá na vinha caprina, a festejar, escorreguei para uma ravina oculta. Com o aquecimento global a que cheguei neste infausto inferno, entre lábios torturados e inflamados e dançarinos assexuados no cio, é absolutamente indispensável que parta para alcançar cumes inexplorados de glaciares já descongelados e quase inexistentes; cravar a bota no terreno lamacento entre milhões de fósseis de milhões de anos e águas ferventes finalmente voltadas a correr em movimento descendente, dando novas profundidades ao abismo. Escrevo com a mão esquerda porque a direita está ocupada a acelerar nos percursos tortuosos de monges religiosos que emergem e vêm assim à tona em redor do monte nu. E entre um cume e outro, esticada lá no alto, está a corda do funâmbulo, suspensa, para que, se necessário, nos possamos encontrar ali no monte a celebrar a existência, unidos apenas pela solidão de se estar só. Virtuoso eu, que escrevo com a mão esquerda para alterar a minha caligrafia e confundir o fluxo de consciência, de modo que, ao reler-me, me pareça que tudo foi escrito por outra pessoa, ainda que no fim tudo tenha sido composto à máquina e já não reste nada para ler. Para a esquerda faço girar também o sentimento de culpa que não me deixa rir de mim mesmo e troçar daquele atrasado que sou, e sempre fui. De facto, só agora compreendi que os japoneses não têm sentido de humor e que para brincar é preciso ser pelo menos dois. Topologicamente há que pensar que um monte que tem um cume tem também um vale; ou que há pelo menos um outro, uma mulher; e que a mulher tem pelo menos dois cumes além do vale! E assim por diante... Para superar esta trágica queda no pântano de fósseis e lama é preciso aprender a rir-se disso — riderci. Queria escrever riderci, mas ruderci, «fazer disso ruínas», poderia servir igualmente. É preciso fazer-se, ou melhor, fazer filhos e deixá-los brincar juntos, deixando-os habitar os cumes descongelados e fazê-los mijar na cabeça dos atrasados tão elogiados. Com desencanto e leveza, as crianças habitarão aqueles lugares onde tudo é sagrado e onde o texto mais sagrado que se conservou é um manual prático intitulado «peidar sem se cagar todo». Encontramo-nos, pois, lá em cima no monte criança, para troçar com nobreza daqueles atrasados que empurram a mota em linha recta horizontal fazendo girar as rodas ao contrário. Os que ficaram para trás são progressistas desvairados vencidos pela inércia, que correm a velocidades fotónicas em linha recta como fazem os foguetes-mísseis, sem nunca mudar de trajectória a não ser quando se dobram esmagados pelo peso da atmosfera, dando sete voltas e meia ao globo por segundo para regressar sempre e para sempre ao mesmo instante em que tinham acelerado para sair dali. E depois tenho a certeza de que o

atrasado, mais tarde ou mais cedo, se perguntará se empurrar a mota causa o atraso, ou se é por ser atrasado que empurra a mota. Quem sabe. Felizmente há sempre algo que aprender e de que tomar exemplo. A mítica mota de Motolese, por exemplo, é diferente das outras, se bem se olhar. Tecnologia futurista biomecânica hiper-evoluída proibida a maiores de 6 anos, com uma carenagem minúscula à medida de um liliputiano e botõezinhos atómicos como os do StarTAC, o telemóvel com o qual é impossível decidir que número marcar. Estou arquivado de que é uma tecnologia produzida naquele lugar a que alguns chamam «Japão», onde a ironia da sorte quis que a usassem para aprender a fazer partidas telefónicas; e estou também certo de que remonta à época pós-imperialista, pelo menos trinta anos depois do célebre haraquiri do general Nogi, no tempo do boom económico nascido da destruição de Phoenix. Em suma, esta tecnologia põe-se paradoxalmente em marcha carregando num só botão. Carrega. Zak Zak Tumb Tumb. E lá vai. Arrancada à primeira, transforma-se num foguete-míssil que passa a toda a velocidade entre os cumes para cima, e depois desce um pouco, até atingir Montecitorio. Conta-se que os montes mais baixos são sacrificados pela ferocidade selvagem da tecnologia enlouquecida, ao passo que a inteligência humana saberá refugiar-se em cumes bem mais altos. De resto, esta mota é uma entidade deficiente de espírito de iniciativa, um meio como outro qualquer, e os seus atributos dependem do uso que dela se faz. De qualquer modo, entretanto, debruço-me um pouco, ao menos para ver se o foguete-míssil funcionou. Funcionou. Montecitorio parece-se agora mais com um panteão. A recessão avança entre bosques de braços estendidos, tubos, alavancas, travões e embraiagens; mas também graças às bananas e aos foguetes-mísseis sobre os palácios e as igrejas. O mundo reabriu-se finalmente à visão feminista, pelo que penso falar em nome de todos ao dizer que também eu sou um pouco Giorgia. Sim, é assim mesmo! Mas que belo castelo, Marcon Diron Dirondello! É por isso que quebro a cabeça, dizia a dama do ouropel. Mas o princípio é sempre o mesmo: se sabes que uma coisa não a podes fazer, age evitando falar. De modo que me convenci de estar convencida de querer criar um partido de acção feminista e evolucionário a que chamaremos em coro «fallo» — fá-lo / o fallo. Devo lembrar-me sempre de levar comigo uma banana; ou melhor, não atrás, talvez a ponha na pochete, que é mais cómoda e graciosa, porque nunca se sabe: se me confundissem com um pirata da estrada japonês poderia sempre mostrar-lhes esta ou aquela evolução, e teria a certeza de que assim me reconheceriam. Quando falo de evolução e de girafas os nervos afloram-me à pele. Torno-me logo darwinista; ou melhor, darwiniano, porque prefiro raciocinar com o rabo. Se penso que as girafas se evoluíram ao longo do tempo perco as estribeiras. Parece que no princípio eram uma espécie de cruzamento bastardo e fortuito entre um bardoto e uma tartaruga que, sem entrar em demasiados pormenores, se acasalavam, dando origem a uma espécie rara, pois quase sempre estéril, de girafa somali de pescoço curto. Criaturas quase mitológicas, lentas, pouco úteis para o que quer que fosse, nem sequer para fazer caldo. Eram cruelmente maltratadas pelos colonos que as encontravam pela frente depois da

grande travessia atlântica horizontal para a esquerda. Tais animais só serviam para a carga, e por isso os colonos puxavam-lhes o pescoço fazendo-os arrastar grandes carregamentos de ouro, diamantes, incenso, mirra, maçarocas e canas-de-açúcar até diante dos grandes navios atracados, deixando-os depois em terra exaustos, pois com aquele pescoço alongado pela fadiga não cabiam no porão do navio — que é, aliás, uma tecnologia certamente concebida no Oriente. E assim, aqui no cume desta montanha, enquanto mijo, contemplo extasiado a maravilha da hora do crepúsculo, quando todas as criaturas parecem atarefadas e há um grande movimento no ar e os mosquitos voam entre as últimas linhas de sol que, ao retirarem-se, acrescentam penumbra, onde os morcegos desenham círculos em movimento circular a baixa altitude e o pica-pau se apressa a dar as últimas marteladas apertando o ritmo tamborilado, e os gritos de guerra de papagaios verdes que se agitam entre os foguetes-mísseis, quando já é hora de emigrar de novo rumo a novos horizontes. Ora, se ainda estás a sorrir sem saberes porquê, este é o espírito certo com que abordar esta maravilhosa leitura. Estás pronto para virar a página.

Gio Montez

(Artista interdisciplinar, director artístico do Atelier Montez, founder e c.e.o. da ARTup srl)

Luca Motolese

motolese.com — Texto original em italiano